

## ASSEMBLEIAS COM ADOLESCENTES INSERIDOS EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137assembleias>



Desenho: Daniel Gisé

**Fernanda D'Ambrosio Rennó Valtolte**

*ferenno.psi@gmail.com*

Psicóloga, pós-graduada em Neuropsicologia pela UNIARA e com formação em Terapia Cognitiva Comportamental no atendimento a crianças e adolescentes. Atua em atendimento no contexto de medidas socioeducativas no estado de São Paulo desde 2009.

**Natália Barbosa Machado**

*nbmachado1980@gmail.com*

Psicóloga atuante junto à adolescentes em medida socioeducativa de internação e na clínica. Com experiência em acompanhamento terapêutico – AT e em projetos de inclusão de pessoas com deficiência. Com formação em atendimentos em grupos e metodologia do emprego apoiado.



**ASSEMBLEIAS COM ADOLESCENTES INSERIDOS EM MEDIDA  
SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO**

**ASSEMBLIES WITH ADOLESCENTS SERVING SOCIO-EDUCATIONAL  
MEASURE OF INTERNMENT.**

**ASAMBLEAS CON ADOLESCENTES INCLUIDOS EN MEDIDAS  
SOCIOEDUCATIVAS DE INTERNAMIENTO**

**Resumo**

Este estudo tem por objetivo discorrer acerca do desenvolvimento do trabalho de grupo com adolescentes inseridos em medida socioeducativa de internação. Trazer a experiência realizada com nove adolescentes em oito encontros, que perduraram por pouco mais de dois meses. Este trabalho se desenvolveu a partir do conceito de grupo operativo centrado na tarefa, proposto por Pichon Rivière, sendo a tarefa explícita que os próprios adolescentes propusessem e elegessem a situação problemática a ser debatida e, assim, através destes encontros, promover naquele grupo maior autonomia na busca da resolução de conflitos e, por meio das reflexões, ampliar seu modo de pensar e agir. Observar o *setting* sendo construído, os vínculos que insurgiram e o desenvolvimento do grupo para um espaço empático e acolhedor, trazendo a reflexão deste formato de atendimento como algo profícuo para o ambiente da socioeducação e todas as especificidades nele envolvidas, considerando a situação peculiar de desenvolvimento da adolescência e as vulnerabilidades vivenciadas, em especial, pela população alvo deste grupo. O grupo se mostrou um espaço de ampliação da escuta, um lugar, de certa forma, seguro e no qual a interação e papéis ali desempenhados foram fundamentais para a construção da identidade daquele grupo.

**Palavras-chave:** grupo operativo; adolescentes; tarefa; atendimento socioeducativo; vínculos.

## Abstract

This study aims to discuss the development of group work with adolescents included in socio-educational measure of internment. To bring the experience carried out with nine adolescents during eight meetings, which lasted for just over two months. This work was developed based on the task-centered operative group concept, proposed by Pichon Rivière, with the explicit task of the adolescents themselves to propose and choose the problematic situation to be discussed and then, through these meetings, promote in that larger group autonomy in the search for conflict resolution and, through reflection, expand their way of thinking and acting. Observing the setting being built, the bonds that emerged and the group's development towards an empathetic and welcoming space, bringing the reflection of this service format as something profitable for the socio-education environment and all the specificities involved in it, considering the peculiar situation of development of adolescence and the vulnerabilities experienced, in particular, by the target population of this group. The group proved to be a space for expanding listening, a place, in a way, safe and in which the interaction and roles played there were fundamental for the construction of the identity of that group.

**Keywords:** operative group; teenagers; task; socio-educational service; bonds.

## Resumen

Este estudio tiene como objetivo discutir el desarrollo del trabajo grupal con adolescentes en cumplimiento de una medida socioeducativa de internamiento, en el contexto de privación en que se encontraban. Acercar la experiencia realizada con 9 adolescentes durante ocho encuentros, que tuvieron una duración de poco más de dos meses. Este trabajo se desarrolló a partir del concepto de grupo operativo centrado en la tarea, propuesto por Pichon Rivière, con la tarea explícita de los propios adolescentes de proponer y elegir la situación problemática a discutir y, así, a través de estos encuentros, promover en ese mayor autonomía grupal en la búsqueda de la resolución de conflictos y, a través de la reflexión, ampliar su forma de pensar y actuar. Observando el escenario en construcción, los lazos que surgieron y el desarrollo del grupo hacia un espacio empático y acogedor, trayendo el reflejo de este formato de servicio como algo provechoso para el entorno socioeducativo y todas las especificidades involucradas en él, considerando las peculiaridades situación de desarrollo de la adolescencia y las vulnerabilidades que experimenta, en particular, la población diana de este grupo. El grupo demostró ser un espacio de ampliación de la escucha, un lugar, de alguna manera, seguro y en el que la interacción y los roles allí jugados fueron fundamentales para la construcción de la identidad de ese grupo.

**Palabras clave:** grupo operativo; adolescentes; tarea; servicio socioeducativo; cautiverio.

Quando escrevo uma coisinha em qualquer lugar, não tenho noção do tamanho que essa coisinha poderá se tornar. Apenas tenho vontade, dentro de mim, de escrever e escrevo, só escrevo. Passo a informação. Comunico. Dou um salve. Como se fosse colocar uma mensagem dentro de uma garrafa e lançá-la ao mar. Minha bisavó dizia que quando a gente era raptado e vinha acorrentado dentro de um tumbeiro fazendo a travessia compulsória, muitos escreviam e jogavam a garrafa ao mar, pois sabiam que ele, o mar, sempre arrasta as coisas que não eram suas para a praia. Eles também sabiam que quem ficava em casa iria até lá procurar por alguma coisa naquele canto da praia, era comum encontrar coisas que o mar trazia do horizonte naquele canto da praia. Esse lugar era sabido de quem era de casa. Hoje estamos aqui com esse mar de informações compartilhadas, parecidos com peixes em rede, e, como ontem, hoje também, para que possamos acorrentados pensar, escrever e jogar ao mar nossa mensagem, é imprescindível a união, o trabalho em grupo, e muita Fé. Enfim, Fé em que um dos nossos irá até esse lugar na praia para procurar dia após dia, ou nossos corpos inchados, ou quem sabe uma garrafa com uma mensagem.  
(Poesia Jogava-se ao mar de Fabio Luz Siqueira, livro Sarau do Binho)

## INTRODUÇÃO

Nossa abstração do que chamamos “eu”, se concretiza a partir do nosso viver em grupos, de nossa interação, como podemos encontrar nos escritos de Moreno, citados por Nery (2010), o “eu” é composto de diversos “eus” ou “outros” dentro de mim, os quais vão se estruturando a partir da convivência com outros que têm muitos “outros” em si, assim este eu surge através do encontro com o outro. E é destes encontros que parte esse relato da experiência do trabalho com um grupo de adolescentes inseridos em medida socioeducativa de internação.

Ao pensar no grupo como um todo composto de partes, e considerar que o funcionamento deste não se limita ao fato de “juntar” estas partes em algum lugar ou em torno de um objetivo comum, mas que este todo só funcionará deste ou daquele jeito pela correspondência dessas partes, na interação de uma suposta individualidade, transformando e sendo transformado a partir deste contato com o outro. Vemos assim que o se dedicar para compreender um grupo não pode ser um mero estudo de suas partes, mas debruçar nosso olhar sob a combinação destas partes, os fenômenos que surgem a partir desta correlação.

O grupo que realizamos e descrevemos neste relato, se desenvolve a partir do conceito de grupo operativo centrado na tarefa de Pichon-Rivière. Este mesmo autor traz a ideia de que os indivíduos com necessidades em comum, se reúnem em torno de uma determinada atividade e inicialmente se agrupam sem qualquer ligação entre si, passam a compartilhar um processo colaborativo e de comunicação, inclinados a realização de uma tarefa, e, neste processo, fenômenos, a princípio não previstos, se mostram, por vezes auxiliando e em outros momentos dificultando o desenvolvimento do grupo.

Pichon-Rivière (2009) coloca a finalidade da tarefa como um meio para aprender a pensar em termos da resolução das dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal, e não no campo de cada integrante do grupo, ao mesmo tempo que não fica exclusivamente no grupo, as interpretações são assim realizadas em dois tempos e duas direções.

### **A PROPOSTA DO TRABALHO E DA TAREFA**

A proposta ao centro socioeducativo foi apresentada de forma verbal e posteriormente por escrito, formalizando o acordado com o centro e onde pudemos descrever de forma mais objetiva algumas delimitações e condições para a realização do trabalho. Dentro desta proposta foram elencados os seguintes pontos:

- Escolha dos adolescentes: O grupo foi aberto a participação de nove adolescentes, os quais foram indicados pelas referências psicossociais, considerando para esta indicação que o adolescente não estivesse em vias de conclusão da medida socioeducativa até o término dos grupos, possibilitando assim sua participação em todos os encontros, e que não estivesse em acompanhamento psicoterápico individual com uma destas profissionais, de modo a evitar possíveis interferências e conflitos de interesses em seu processo terapêutico e para que as práticas não se tornassem enviesadas, inclusive facilitando a percepção, pelos adolescentes, do nosso papel no grupo.

- Dinâmica e periodicidade dos encontros: Foram acordados oito encontros semanais com duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos cada. O número de adolescentes foi delimitado em nove, para que, com número ímpar de participantes, não houvesse empate na votação dos temas.

- Considerações quanto ao espaço e condições para a realização dos encontros: Foi pedido ao centro considerar que os encontros pudessem ser realizados em sala/espço que garantisse a preservação do sigilo e a interação entre os membros do grupo sem que elementos distratores externos, visuais ou auditivos, pudessem dispersar a atenção dos adolescentes e prejudicar o envolvimento na atividade proposta e que, ainda neste propósito, seria importante que somente as pessoas efetivamente envolvidas no grupo, adolescentes e profissionais, estivessem presentes neste espaço. Neste ponto, cabe comentar que foi uma condição da gestão do local que a porta da sala a ser utilizada permanecesse aberta, foram feitas algumas tentativas de acordo neste sentido, mas entendendo que para o centro se tratava de uma questão de segurança, e com a concordância destes de que não permanecessem servidores na porta acompanhando o grupo, assim ficou definida a questão da porta aberta durante a realização dos encontros.

Ao pensar no desenvolvimento do grupo, a tarefa proposta foi convidar o grupo a escolher algum assunto para o qual encontrassem dificuldades, as quais desejassem solucionar. A partir da indicação dos assuntos, por parte do próprio grupo, os adolescentes, por meio de votação elegiam o assunto que seria discutido e se partia para o debate.

O objetivo do trabalho foi promover maior autonomia do grupo na busca das resoluções dos conflitos que se revelassem e que por meio do grupo as reflexões pudessem ampliar o modo de pensar e agir.

## O DESENVOLVIMENTO DO GRUPO

Zimerman (1999) coloca o setting como uma soma de processos que organizam e dão possibilidade ao processo terapêutico, sendo resultado de uma conjunção de regras, atitudes e combinações, sejam as do contrato analítico ou aquelas que vão se definindo ao longo de todo o processo. É um espaço transicional, de relevante função terapêutica, que ajuda no crescimento e, ao lidar com as inevitáveis frustrações que, de forma equilibrada este setting pode apresentar, possibilitar o desenvolvimento da capacidade para simbolizar e pensar.

Desde o primeiro contato com os adolescentes tivemos o cuidado na construção deste setting, das combinações, para além da questão do sigilo e do respeito mútuo, que pudessem trazer o desenvolvimento do grupo para um espaço empático e acolhedor. Nas combinações já inicialmente realizadas, o ambiente comum foi apresentado como pertencente a este grupo e, portanto, passível de atuação de cada membro em sua manutenção e transformação. Houve um cuidado para que os participantes pudessem sentir aquele espaço como deles, um lugar onde pudessem trabalhar no sentido da atuação como agentes protagonistas de suas próprias histórias e na interação de cada “eu” ali presente e no resultado que esta comunicação poderia trazer para o conjunto.

Foi realizada a apresentação da tarefa explícita, aquilo que seria objetivamente solicitado ao grupo, que deveriam propor temas que entendiam como problemas para os quais gostariam de ajuda no sentido de buscar uma solução. Como apontado por Castanho (2017) ao colocar esta tarefa explícita, possibilitamos a atração para o momento presente do grupo, experiências que foram vivenciadas em outros momentos e lugares por seus membros. Assim podemos trabalhar o que está implícito, a promoção de elaboração psíquica destes indivíduos que compõe o grupo.



Todos os dias, antes de iniciar propriamente a tarefa, realizávamos alguma atividade breve e dinâmica de forma não aleatória, sempre havia uma relação ao vivido em assembleia anterior, de modo a suscitar neles algo que anteriormente havia nos provocado. Em um dos encontros, antes de iniciar a sugestão e votação dos temas, dispomos sobre mesas diversos tipos de bombons e balas e cada jovem deveria escolher apenas um, porém o melhor de todos em sua opinião. Mas antes de comer, eles teriam que trocar fortuitamente o doce com outro adolescente, assim teriam que comer algo que não seria a preferência deles. Tecemos assim uma relação dos bombons com uma opinião individual, pois nem sempre a nossa melhor verdade condiz ou serve ao outro.

A cada término de grupo, realizávamos uma retomada do que ocorrera naquele dia. Todos colaboravam para construir o desfecho.

Reservamos para o último encontro um filme que correlacionaríamos com a proposta da tarefa que foi a mesma para todos os encontros, mas para a nossa surpresa, eles tinham o assistido há menos de um mês. Precisamos ser versáteis diante do imprevisto. Lembramos de outro filme que poderia abrir outras possibilidades de trocas e isso foi possível a partir da flexibilidade que também foi uma característica construída por aquele grupo.

Igualmente no último encontro realizamos um processo de devolutivas. Por meio de um questionário, os adolescentes escreveram como tinha sido a experiência para cada um e ao final pudemos conversar um pouco a respeito daqueles dias, daqueles meses que passamos juntos.

## CONSIDERAÇÕES GERAIS

Considerando o momento do “estar em tarefa” como aquele em que, como apontado por Castanho (2018), acontece a integração das dimensões do sentir, pensar e agir, para que haja a elaboração psíquica, percebemos nos primeiros encontros, com maior nitidez o grupo entrando em tarefa, porém em outros tivemos maior dificuldade para perceber se isto se efetivava. Os adolescentes ficavam mais dispersos, dando por vezes a impressão de uma limitação para ampliar a discussão ou mesmo para conseguirem delimitar o que seria um tema de relevância para eles mesmos e que pudessem contar com aquele espaço para debater e pensar a respeito das suas questões. Contudo entendemos que se sentirem seguros para expor problemas, questionar o que está dado pode ser um tanto novo, desafiador ou até mesmo arriscado. Uma fala de um dos participantes ilustra bem esse lugar que parece ficar entre a revolta e o conformismo: *“Aqui a gente não tem de querer, tem que fazer.”*

De início percebemos que os adolescentes se dirigiam com maior foco para as coordenadoras, o que causou um pouco de incômodo por ficar com a impressão de sermos colocadas no lugar de alguém que teria respostas para eles, ao mesmo tempo que, em outros momentos, pareciam encerrar o assunto, entendendo que as pessoas que ali estavam não teriam como entender o que eles passavam, pois não viveram esta realidade e não poderiam entender este lugar de onde eles falavam. No último encontro a fala que um adolescente faz sobre um palestrante de um vídeo que reproduzimos, pareceu reforçar esta visão do estereótipo, pois para representar o contexto deles, nem o palestrante com suas roupas e o jeito de falar, nem nós poderíamos nos encaixar.

Talvez mais do que nos ver como pessoas diferentes deles, há a possibilidade de que representássemos a instituição na qual eles cumpriam a medida socioeducativa ou o “sistema” como costumam se referir aos locais que exercem algum tipo de controle social. A oportunidade de existir outro tipo de diálogo que não o da opressão pode ser desafiador e uma das respostas possíveis ao diferente é a resistência, pois resistir é uma abstenção de ter que desconstruir o que se sabe até então e ainda mais, é uma negação ao ter que se rever em suas crenças e valores.

Apesar disso em uma ocasião, tivemos a oportunidade de realizar a troca de papéis no grupo, e eles puderam exercer a incumbência de serem os coordenadores do grupo por um tempo pré-determinado e nessa nova configuração, os adolescentes faziam as perguntas mais direcionadas às coordenadoras, buscando entender quem eram aquelas pessoas que ali estavam. A partir daí o vínculo com o grupo pareceu se consolidar, mesmo nos vendo como pessoas em uma realidade diferente e, até mesmo distante, daquela por eles vivenciada. O grupo abriu espaço para o entendimento de que mesmo com estas diferenças as trocas naquele espaço seriam possíveis e ao decorrer dos encontros se mostraram construtivas. Segundo Pichon-Rivière (2005) o grupo alcança maior produtividade na presença de uma heterogeneidade de diferenciação de papéis em que cada integrante carrega consigo suas experiências e conhecimentos. Observamos no grupo o movimento dialético em que a síntese se dá na antítese da tese, desconstruir e reconstruir.

Identificamos associações entre os membros do grupo e a partir dos objetos mediadores, desde a escolha dos temas, como entre uma colocação de uma pessoa e outra. Um poder se ver a partir da interação com o outro.

Para nós, o ser humano é um ser de necessidades que só se satisfazem socialmente em relações que o determinam. O sujeito não é só um sujeito relacionado, é um sujeito produzido pela práxis. Nele não há nada que não seja a resultante da interação entre indivíduos, grupos e classes. (Pichon-Rivière, 2005 p. 238)

Sobre o espaço, fica a sensação de que estar naquele local com a porta aberta, por vezes, pareceu dificultar as interações. Talvez com maior preservação e reserva do espaço, ficaríamos mais à vontade para a realização do grupo, já que não fazemos parte do efetivo daquele centro e por haver uma sensação de ser vigiada na execução do nosso trabalho, em alguns momentos, o que causou em nós uma distração, resultando ora uma sensação de alguma limitação do nosso fazer profissional, ora a sensação de estarmos incomodando ou mesmo quebrando regras do contexto institucional.

A respeito dos momentos de dispersão e maior agitação no grupo, ao término das atividades, nós, coordenadoras, costumávamos conversar para refletir sobre o trabalho do dia. Dado momento, levantamos o questionamento se o espaço não teria mesmo sido efetivamente ocupado como em um momento cogitamos, ou se na verdade essa ocupação aconteceu, entretanto, não correspondendo uma expectativa nossa, de como este movimento se daria. Quando na verdade, eles se sentiram à vontade para estar naquele ambiente de uma forma que não podem estar em outros locais da instituição, onde podiam conversar, sentar-se de forma menos engessada, interagir entre eles, rir, enfim, se sentirem mais livres sem estar sob a destra do enquadre que o próprio funcionamento do centro acaba por impor a eles na rotina diária da medida socioeducativa. Inclusive no questionário aplicado aos jovens no último encontro fortaleceu ainda mais essa hipótese. Em um ambiente mais acolhedor, percebemos um poder ser mais espontâneo e o cuidado de todos os participantes na preservação do grupo que se constituía ali.

O grupo mostrou um funcionamento enquanto conjunto, onde se pode ver aqueles que mais se comunicavam, aqueles que se apoiavam nos colegas de forma mais introspectiva e, por vezes, até se escondendo para não se verem expostos e os que pareciam trazer maior dispersão, buscando conversas paralelas e em outros momentos, acionando outros adolescentes para que verbalizassem aquilo que gostariam de falar. Outros jovens faziam colocações mais pontuais. A devolutiva por meio das avaliações foi uma grata surpresa, onde ficamos com a percepção de que eles entenderam os encontros realizados, elaboraram uma autocrítica consistente e trouxeram significados importantes para si.

Entendemos que o grupo se constituiu e se manteve a partir da ação de cada pessoa ali presente. Cada qual da sua maneira, mas com o compromisso do acordo inicial, do respeito mútuo, inclusive das opiniões divergentes, este um aspecto que foi destacado por grande parte dos adolescentes por meio do questionário final aplicado. Em conversa com profissionais do centro, percebemos que alguns jovens denotaram um sentimento de vínculo e pertencimento ao grupo.

Por fim entendemos que o grupo operativo foi um espaço de escuta, de fala segura, de trocas e de ressignificações. No entanto esperávamos que ele fosse também um lugar de possibilidades mais autônomas da própria existência do grupo em si e propiciar não só as resoluções dos conflitos que emergiram, mas, principalmente, novos questionamentos propulsores de transformações. Compreendemos que a partir dos oito encontros que realizamos, construímos uma espécie de base para algo que antecede às transformações e que a continuidade do projeto realizado poderia alcançar o objetivo ou melhor, ir além dele.

O espaço grupal, preservadas as questões do setting e combinações prévias entre seus membros, pode ser sentido como um ambiente mais acolhedor, um poder ser mais espontâneo e o cuidado de todos os participantes na preservação do grupo que poderá ser construído.

Em nossa vivência foi importante perceber como nos sentíamos diante do desvelar de situações do grupo, para pensarmos na nossa prática, em nosso agir, em algumas ocasiões de forma quase instintiva, em que era necessário flexibilizar a tarefa, experimentar a troca de lugares, pois, quando pensamos inicialmente no desenvolver da autonomia e protagonismo do grupo, fez-se necessário oportunizar um espaço mais livre para a construção da identidade daquele grupo.

## REFERÊNCIAS

- Castanho, P. (2017) Sobre a questão da tarefa no grupo: aspectos psicanalíticos e psicossociais. In: Okamoto, M.Y., Emídio, T.S., Perspectivas psicanalíticas atuais para o trabalho com grupos e famílias na universidade, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.
- Castanho, P. (2018) Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições. São Paulo: Linear A-barca.
- Nery, M. P. (2010) Grupos e intervenção em conflitos. São Paulo: Ágora.
- Pichon-Rivière, E. (2005) O processo grupal (p.238) (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Pichon-Rivière, E. (2009) O processo grupal (8ª ed.). São Paulo: Martins Fontes
- Zimerman, D.E. (1999) Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica. Porto Alegre: Artmed.

## COMO CITAR ESTE TEXTO

Valtolte, Fernanda D. R.; Machado, Natália B. (2023). Assembleia com adolescentes inseridos em Medidas Socioeducativas de internação. **Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia**, v. 9, n.1, 104-117. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137assembleias>

RECEBIDO EM: 31/03/2023  
APROVADO EM: 08/05/2023